

# CASTRO DE MONTE MOZINHO: CERÂMICA DE PAREDES FINAS

**Teresa Soeiro**

FLUP / CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»  
msoeiro@letras.up.pt

**Rui Morais**

FLUP / CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
rmorais@letras.up.pt

## ABSTRACT

In this paper we present the thin-walled ware found in Castro de Monte Mozinho, in the excavations campaigns dated from 1974 to 1998. We identify all the sectors covered by the work and we sum up the stratigraphic contexts in which the findings of the thin-walled ware occurred, highlighting their relation to other contemporary materials. We then present the productions according to their type and fabric, having been able to identify two distinct ones. On the one hand, we verified the existence of Italic thin-walled ware manufactured both in the Central North region (Etruscan coast) and in the Central Western area of the Po Valley and, on the other hand, and in a more significant number, we recognised peninsular productions from the Baetica and Lusitania, with emphasis to the ones produced in Mérida.

**Keywords:** Castro de Monte Mozinho; roman ceramic; table ware; thin-walled ware: Museu Municipal de Penafiel

## RESUMO

Este artigo debruça-se sobre as cerâmicas de paredes finas recolhidas no Castro de Monte Mozinho, durante as campanhas de escavação de 1974 a 1998. Identificam-se os sectores abrangidos pelos trabalhos e sumarizam-se os contextos estratigráficos em que ocorreram os achados, salientando a sua relação com outros materiais coetâneos. De seguida, apresentam-se as produções, segundo a sua tipologia e fabrico, reconhecendo-se a presença de paredes finas itálicas fabricadas na região Centro-Norte (Etrúria costeira) e na área Centro-Occidental do Vale do Pó, e, em número mais significativo, produções peninsulares da Bética e da Lusitânia, com destaque para as de fabrico emeritense.

**Palavras-chave:** Castro de Monte Mozinho; cerâmica romana; cerâmica de mesa; paredes finas; Museu Municipal de Penafiel

## 1. APRESENTAÇÃO

Dedicamos este breve trabalho ao estudo das cerâmicas romanas de paredes finas recolhidas nas escavações do Castro de Monte Mozinho, campanhas decorridas entre 1974 e 1998. O sítio arqueológico (SOEIRO 2005) fica no município de Penafiel (Portugal), ou seja, no Sul do *Conventus Bracaraugustanus*, a cerca de 30 km do Atlântico e 7,5 km a Norte do rio Douro. É sobejamente conhecido da comunidade científica, fruto da sua relevância patrimonial e de lhe ter sido dedicada

uma já longa e multifacetada investigação<sup>1</sup>, que gerou bibliografia com contributos inovadores para a construção do conhecimento sobre a história antiga do Noroeste e fez dele ponto de encontro e referência (SOEIRO & CALO 2014).

A área escavada a que nos reportamos, maioritariamente na parte alta do povoado, atinge pouco menos de metade do espaço delimitado pela muralha da coroa do Castro, intensamente ocupado durante o século I e primeira metade do II d.C., mas depois abandonado como local de habitação, no período baixo-imperial. Foi alvo de escavação em sucessivos anos, desde a pioneira abordagem feita, em 1974, por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (ALMEIDA 1974). Estava, para esse fim, repartido em sectores - *a, g, c, d, D, A* e *Superior* (Fig. 1), a que correspondem as referências do espólio entregue ao Museu Municipal de Penafiel (ALMEIDA 1977 e 1980; SOEIRO 1984 e 1998a).

No exterior desta muralha, diante da porta voltada a Nordeste, espraia-se pela pendente, suave, o designado sector *B*, sobre o qual incidiram os trabalhos de Elísio Ferreira de Sousa, entre 1948 e 1954 (SOUSA 1954), retomados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, em 1974, e novamente reabertos em 1997-98 (SOEIRO 2000-2001), com o objectivo de recolher informação remanescente, antes que toda esta área fosse intervencionada no âmbito do projecto de requalificação, formando desde esse investimento um contínuo com a anterior, o que permite a leitura abrangente de toda a mancha escavada e o ordenamento do circuito de visita.

## 2. CONTEXTOS DAS CERÂMICAS DE PAREDES FINAS IDENTIFICADAS EM MONTE MOZINHO

De entre os muitos milhares de artefactos que resultaram de vinte e cinco anos de trabalhos arqueológicos em Mozinho, a cerâmica mostrou-se sempre preponderante e muito expressiva, independentemente do local e contexto específico de escavação ou da respectiva cronologia. Mas, exactamente porque há uma miríade de diferentes contextos significativos para a leitura dinâmica da vida no povoado e para o entendimento da sua relação com o exterior, próximo ou mais longínquo, optámos por, na medida do possível, relacionar as ocorrências de cerâmica de paredes finas ao menos com os sectores, cujas características e diacronia estão já sumariados nas publicações-relatório antes citadas. As inferências obtidas tornam-se mais fáceis de cotejar com os estudos dirigidos a outros materiais, como, por exemplo, os de numismática (PEREIRA 1974; CENTENO 1977, 1978 e 1987; LIRA 1984-1985), ou os dedicados às lucernas (SOUSA 1966)<sup>2</sup>; cerâmicas cinzentas (SOEIRO 1981-1982; CENTENO e outros 2014), *sigillatas* (CARVALHO 1993-1994; 1998 e 2002), cerâmicas Béticas de pasta calcária (CARVALHO 2008-2009), bracarenses (CARVALHO & PAIVA 2014), etc., ou mesmo à plástica em pedra (CALO 1994: 310-357 e 1998).

Devemos também esclarecer que, na selecção da cerâmica a tratar, nos restringimos às paredes finas de produção alógena ao *conventus*, quer dizer, aquelas que chegam a Mozinho, com mais ou menos intermediários, a partir de centros produtores da península itálica, de outras regiões da Hispânia ou, ainda que não se tenha verificado, de um qualquer diferente ponto do império. Aplicada esta premissa, obtivemos o quadro de ocorrências seguinte, que passaremos a comentar. Para a sua constituição adoptámos a tipologia de Françoise Mayet (1975), completada e revista por Alberto López Mullor (1990).

<sup>1</sup> Divulgada junto dos meios científicos desde há cem anos, com as conferências (1919) e publicação da autoria de Lacerda Machado (MACHADO, 1920).

<sup>2</sup> O tema foi retomado nas dissertações de mestrado apresentadas por Andreia Esteves e Flávia Nunes, que suportam o artigo publicado neste número da revista Portugalia.

**Castro de Monte Mozinho (1974-1998)**  
**cerâmica de paredes finas**

sector	ocorrências NMI			formas				
		IIIa	XXXIII/XXXV	XXXVIIB	XXXVII/XXXVIII	XLIII	LXVII e variantes	ind.
a	14	4	1	1	-	5	1	2
g	1	1	-	-	-	-	-	-
d	22	1	1	1	-	5	1	13
D	23	3	-	-	2	6	1	11
Sup.	2	1	-	-	-	-	-	1
A	11	-	-	1	-	9	1	-
c	2	1	-	-	-	1	-	-
B	6	-	-	1	-	-	-	5
<b>total</b>	<b>81</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>26</b>	<b>4</b>	<b>32</b>

Contabilizámos como uma ocorrência/indivíduo apenas os exemplares isolados no espaço ou distintos no fabrico e/ou forma. Tentámos, assim, evitar a sobre contagem que resultaria da soma dos fragmentos quando estes estavam próximos e aparentavam ter pertencido ao mesmo vaso, mesmo não havendo colagens. A pequenez é característica dos achados, certamente derivada da fragilidade das produções, excepto no que toca aos fundos, algo mais espessos, mas, em geral, pouco elucidativos quanto à morfologia do vaso. Este estado condiciona fortemente a atribuição a centros produtores e, sobretudo, a formas. Em contrapartida, essa mesma fragilidade parece ter transformado tais recipientes em *espécie de vida curta*, conferindo-lhes maior relevância para a análise dos contextos.

Pese embora a diferente área escavada em cada um dos sectores, que dificulta a comparação quantitativa, a tendência de distribuição espacial patenteada no quadro corresponde à interpretação da estratigrafia e respectivos conjuntos de materiais, publicados nos relatórios de escavação referidos. Concorda também, em particular, com a presença das diferentes produções de *sigillata* discutidas no respectivo estudo monográfico (CARVALHO 1998: 185-193).

Tomemos como exemplo, em primeiro lugar, os sectores a nascente do eixo viário, todos eles ocupados desde os tempos iniciais do povoado, na época de Augusto. O mais afastado - g, com uma área escavada limitada, deu-nos apenas vários fragmentos de um vaso de produção itálica, da forma IIIa de López Mullor, integrado num contexto particularmente bem preservado, entre uma casa castreja com vestíbulo e o muro de suporte, ao nível do piso inicial, com uma fíbula de charneira Ettliger 28 e fragmentos de um prato de TSI da forma *Conspectus* 12.1, de ânforas lusitanas e béticas, de cinzentas finas e muita cerâmica castreja. Da unidade estratigráfica superior a esta provém um as de Augusto, emissão do NO Hispânico, com muito pouco desgaste de circulação (SOEIRO 1984: 167-168).

No sector a, que está na mesma plataforma do anterior mas contíguo ao eixo viário, há níveis entre as casas castrejas e o muro de suporte que foram selados pela sapata da parede exterior da casa flávia de c, estendendo-se as unidades mais antigas a outros pontos, uma vez que aqui não houve transformação profunda do edificado. Estas situações contribuíram para a preservação dos artefactos de momentos recuados, como são as paredes finas de produção itálica.

No entanto, no nível imediatamente anterior à referida sapata, onde as *sigillatas* sudgálicas

são predominantes mas convivem com as primeiras produções hispânicas, encontrámos vasos de paredes finas oriundos tanto da Bética (escassos) como de Mérida, lado a lado com vasos de cinzenta fina de boa qualidade e de cerâmicas calcárias béticas, produções que já surgiam no nível mais antigo, e vasilhame comum ainda na tradição castreja, conjuntos que chegam ao terceiro quartel do século I d.C.

Situação similar verifica-se no sector *d*, enquanto em *c*, espaço entre os dois anteriores, a remodelação do edificado foi radical, substituindo as casas castrejas por um complexo edifício romano, construído em plena época flávia. Aqui, apesar da abundância de espólio, diríamos mesmo relativa riqueza, as paredes finas parecem tão residuais como os escassos vestígios das estruturas e níveis de ocupação prévios, são dois os fragmentos, um de produção da Etrúria, outro de Mérida. Quem habitou a nova casa já não as teria usado, certamente substituídas pelas inúmeras produções bracarenses de cerâmicas finas para serviço de mesa.

Esta é uma realidade que confirmámos do outro lado do eixo viário, ao escavar, em 1985-86, a casa romana a ele adossada, já no sector *D*. O edifício, do último quartel do século I d.C., também aqui arrasou ou soterrou as casas de traça castreja. Entre os abundantes materiais recolhidos, nos níveis flávios e do século II d.C., há apenas dois fragmentos emeritenses.

O restante sector, do recinto superior à muralha, não sofreu tal transformação, são as características casas-pátio e outras construções circulares a pautar a arquitectura. A estratigrafia, ainda que de não muita potência por causa dos afloramentos graníticos, guarda unidades que se foram depositando desde a implantação do povoado, no tempo de Augusto. As *sigillatas* itálicas e sudgálicas, as ânforas de diversa proveniência, as cinzentas finas, a cerâmica castreja, as fíbulas e alfinetes, mesmo os numismas (p.e. um *dupondius* de Augusto, com representação da *caetra*, incrustado na superfície do pavimento de uma das casas circulares) enquadram um maior número de ocorrências de vasos de paredes finas, distribuídas desde as produções itálicas às provenientes de Mérida.

Para completar o périplo entre o recinto superior e o eixo viário que leva à porta da muralha, temos de percorrer o sector *A*, que Carlos Alberto Ferreira de Almeida começou a escavar logo em 1974, e a propósito do qual nos deixou, ao referir-se a um fundo de paredes finas, a impressão de «*que é uma cerâmica muito pouco vulgar no Mozinho*» (ALMEIDA 1977: 21), o que é ainda mais relevante neste espaço onde, apesar das relativamente limitadas transformações arquitectónicas, se concentra uma grande variedade e quantidade de materiais de época flávia e primeira metade do século II d.C., tornando-o, neste aspecto, comparável às casas romanas de *c* e *D*. Certamente porque não houve a transformação topográfica e os arrasamentos verificados nos seus pares, mas sucessiva reutilização quase à mesma cota, em *A* encontrámos os restos de um vaso de paredes finas da Bética e uma dezena de fragmentos emeritenses, de novo um quase nada face às mais de oito centenas e meia de peças em *sigillata*, largamente dominadas pelos fabricos hispânicos e com apenas cinco achados de itálica (CARVALHO 1998: 188-190), a que acrescem mais oito centenas de vasos de mesa em pastas esbranquiçadas depuradas, com acabamentos engobados, pintados e/ou polidos provenientes da área de *Bracara Augusta* (CARVALHO & PAIVA 2014: 242), tendo por pano de fundo grande quantidade de cerâmica comum já ao gosto romano.

Lembramos que também no casal romano da Bouça do Ouro (Boelhe, Penafiel), onde escavámos duas casas romanas isoladas, erguidas provavelmente entre a época claudiana e o terceiro quartel do século I d.C., foram identificados apenas dois fragmentos de paredes finas de produção hispânica, entre um conjunto avultado de materiais muito semelhantes aos de Mozinho, de igual período (SOEIRO 1998b).

Se dos locais da habitação passarmos às necrópoles, constatamos nestas a ausência de

cerâmica de paredes finas. No perímetro do Castro de Monte Mozinho, a área de enterramento detectada fica imediatamente no exterior da muralha mais extensa e foi utilizada pelo menos entre o último quartel do século I e o IV d.C. Das escavações de Carlos Alberto Ferreira de Almeida temos apenas uma incineração de época flávia, a sepultura 2, de 1975. Já em 2004, numa situação de emergência, alguns metros para Norte, foram escavadas mais de seis dezenas de incinerações, para as quais Teresa Pires de Carvalho propôs uma datação idêntica. Os conjuntos são abundantes em *sigillatas* hispânicas e cerâmicas bracarenses, havendo também cinzentas finas, lucernas, cerâmica comum romana, vidros, etc., em clara similitude com os níveis sincrónicos do povoado, em especial os de A, c e da casa romana de D. As produções de paredes finas parecem ausentes, embora haja vasos regionais que lembram alguma das suas formas (CARVALHO 2008: 96).

Num outro ponto do município, junto ao rio Sousa, no sítio arqueológico de Monteiras (Bustelo), um povoado aberto de que foi escavada a necrópole, com enterramentos de incineração que se iniciam no período de Cláudio/Nero, também não existiam vasos em paredes finas, embora houvesse outro material forâneo, tanto neste primeiro momento (p.e. lucerna derivada da forma Dressel 3) como, em maior quantidade, no último quartel do século, de que são exemplo as *sigillatas* hispânicas e os vidros, ao lado das produções regionais de cinzentas e louça fina de mesa em pastas caulínicas de *Bracara* (SOEIRO 2009-2010: 32-43).

### 3. AS PRODUÇÕES

Os vasos genericamente integráveis nas designadas cerâmicas de paredes finas faziam parte do serviço de mesa dos habitantes de Mozinho, associados, em particular, ao consumo de vinho. Como seria habitual, estes vasos, importados de outras províncias, foram certamente usados como complemento das baixelas metálicas e vítreas, mais onerosas. No seu conjunto, esta louça está representada por um número mínimo de indivíduos correspondente a cerca de 81 vasos, sendo 32 os fragmentos de parede de forma indeterminada, com produção hispânica. Foram documentadas as duas formas maioritárias neste tipo de baixelas, os copos e as taças, com predomínio destas últimas. A observação macroscópica das pastas permitiu individualizar diferentes fabricos, uns de origem itálica, outros de produção peninsular.

#### 3.1. As produções itálicas

Apesar do estado de fragmentação, foi possível identificar 13 vasos de proveniência itálica, 11 fabricados no Centro-Norte de Itália, na região da Etrúria costeira, genericamente enquadráveis na variante IIIa de López Mullor, e 2 fabricados na área Centro-Occidental do Vale do Pó, da forma híbrida XXXIII/XXXV, proposta pelo mesmo autor (LÓPEZ MULLOR 1990: 339-342).

Os primeiros (Fig. 2, 1-3), com uma cronologia de produção entre 75 a.C. e a 2ª década d.C. (LÓPEZ MULLOR 1990, p. 216), chegaram a Mozinho na sua fase final de produção, em plena época augustana (SOEIRO 1984: 141, 169 e 229), no momento coincidente com a crise das produções de paredes finas da Etrúria (RICCI 1985: 343, 346; BELTRÁN 1990: 170). Os segundos (Fig. 2, 4-5), com uma cronologia de produção entre 30 a.C. e o período de Cláudio (LÓPEZ MULLOR 1990: 340-341), estão presentes em Mozinho em estratos datáveis da época deste imperador ou algo anteriores (SOEIRO 1984: 141-142).

No âmbito das produções itálicas, são mais abundantes os copos representados pelos fabricos do Centro-Norte de Itália, reconhecidamente difundidos em toda a bacia do Mediterrâneo e costa atlântica (MAYET 1975; RICCI 1985; LÓPEZ MULLOR 1990: 234; MORAIS 2010). Refira-se, por questões de proximidade geográfica, vasos desta forma identificados em Braga (MORAIS 2005:

292-294; 328, nº 7-13) e Conímbriga (MAYET 1976: 28; Pl. V, 124, nº 6-9). São produções muito características: possuem uma pasta muito depurada, cozida em atmosfera oxidante, de cor rosada a vermelho acastanhado, ainda que podendo variar de tonalidade num mesmo vaso, consoante a cozedura. Em Mozinho, os fabricos são característicos do período de Augusto, com pastas friáveis e homogêneas, de superfície externa alisada mate. Em um fragmento foi possível documentar a típica decoração de espinhos, dispostos verticalmente, aplicados a barbotina, integrável na variante Mayet IIIa, do final do século I a.C. (MAYET 1975: 29-30, PL, VI, nº 45-50).

Os vasos da forma híbrida Mayet XXXIII/XXXV (Fig. 2, 4-5) foram fabricados na área Centro-Occidental do Vale do Pó, ainda que não se conheçam os centros responsáveis pela sua produção nesta região (RICCI 1985: 348). Têm uma cor bege-acastanhada/alaranjada e possuem uma superfície rugosa, com decoração arenosa. Como no caso anterior, também eles estão bem documentados na bacia do Mediterrâneo e em território peninsular (LÓPEZ MULLOR 1990: 339-342), veja-se o caso de Braga (MORAIS 2005, 298, 300-301; 330-333, nº 33-55).

### **3.2. As produções peninsulares**

Os vasos de paredes finas de produção peninsular mostraram-se mais abundantes em Monte Mozinho do que os seus congêneres itálicos, tendo sido possível identificar cerca de 36 exemplares com forma, repartidos por produções béticas e lusitanas, maioritariamente emeritenses.

As produções béticas (Fig. 2, 6-7) apenas estão representadas por 6 ocorrências em que se possa reconhecer a forma, sendo 4 genericamente atribuíveis à Mayet XXXVII, com as típicas decorações roletadas e de mamilos aplicados a barbotina, e 2 da forma Mayet XXXVII/XXXVIII, com folhas de água também a barbotina. Provêm de estratos datados do reinado de Cláudio a inícios do de Vespasiano (SOEIRO 1984: 142, 184), momento coincidente com a cronologia de produção conhecida para este tipo de vasos, em particular da forma Mayet XXXVII, muito bem representados na Península (MAYET 1975: 72-73; MINGUEZ MORALES 1991: 88; LÓPEZ MULLOR 1990: 348-350), como também sucede em Braga (Morais 2005: 295-296, 298, 304; 333, nº 65-69; 335, nº 92-104) e Conímbriga (MAYET 1976: 29-30, Pl. V, nº 14-22; Pl. VI, nº 23-36, 39-41; Pl. VII, nº 42-44). Estes fragmentos apresentam uma pasta calcária, de cor creme amarelada, muito depurados e de textura porosa. Numa simples análise macroscópica são visíveis ínfimos e pequenos minerais brancos, sobretudo quartzos rolados e, por vezes, nódulos de óxidos de ferro. A superfície, coberta por um engobe de cor laranja/acastanhado, pode apresentar reflexos metálicos (LÓPEZ MULLOR 1990: 348).

As produções lusitanas são as mais abundantes em Mozinho, com cerca de 30 vasos: 26 forma Mayet XLIII, de produção emeritense, e 4 enquadráveis na Forma LXVII de López Mullor, com eventual centro produtor situado na região de Elvas (LÓPEZ MULLOR 1990: 439-440).

Os vasos da forma Mayet XLIII (Fig. 2, 8-15), largamente difundidos na Península (MAYET 1975: 98-99; LÓPEZ MULLOR 1990: 409; MINGUEZ MORALES 1991; MORAIS 2005: 295, 304-305), estão bem representado em Braga (MORAIS 2005: 295-296, 298-299, 304-305; 336, nº 105-116; 337, nº 117-124; 338, nº 125-128.) e em Conímbriga (MAYET 1976, 34-36, Pl. VII, nº 55-58; 60-66; Pl. VIII, nº 67-70; 72-75). Genericamente datáveis da 2ª metade do século I, estão maioritariamente presentes em Mozinho em estratos do 3º quartel do século I (SOEIRO 1984: 139, 142, 183-185 e 206). Como é habitual nas produções emeritenses, os fragmentos do Castro apresentam uma pasta de cor creme-acastanhada, muito bem cozida e porosa, com uma superfície tanto áspera como alisada e com aguada de cor laranja a acastanhada, em raros casos de reflexos metálicos. Também existem exemplares com cerne acinzentado graças a uma forte cozedura,

dando-lhe o designado efeito “sandwich”. Ostentam as típicas decorações roletadas e de mamilos e lúnulas aplicados a barbotina.

Dos vasos da Forma LXVII (e variantes) de López Mullor (Fig. 3, 1-3), surgiram apenas fragmentos do bojo, que apresentam um fabrico redutor e, deve salientar-se, considerável espessura, para cerâmicas de *paredes finas*. A decoração é roletada e desenha losangos ou rombos. Como as anteriores, trata-se de vasos datados da 2ª metade do século I d.C. (LÓPEZ MULLOR 1990, 440), mais presentes em níveis do Mozinho atribuíveis a época flávia.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos como os vasos de paredes finas mais antigos recolhidos nas escavações de Mozinho (1974-1998) são de origem itálica, provenientes da área da Etrúria costeira e do vale do Pó, produções largamente difundidas em todo o Mediterrâneo ocidental. A sua presença no Castro é solidária com a de outros bens, pois também há testemunho da recepção de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano, *sigillata* (TSI) e lucernas, mercadoria secundária que integraria a carga das embarcações transportadoras, por exemplo, do vinho itálico, de que no povoado se preservam fragmentos das inerentes ânforas. Braga, Conímbriga ou Castelo da Lousa foram, à escala, paralelos a considerar.

Neste período inicial encontra-se, a par destas cerâmicas de paredes finas, outro vasilhame funcionalmente afim, como as cerâmicas de fabrico bético, em pasta calcária, as cinzentas finas polidas e os recipientes de vidro (de vasos metálicos não se vislumbrou testemunho).

Fazemos notar, porém, que em Mozinho, nos níveis das primeiras décadas do século, não é tanto no universo das produções romanas que enquadrámos a larga maioria dos recipientes aparentemente destinados a servir e consumir líquidos, mas sim entre a cerâmica de tradição castreja, em que abundam as copas e os púcaros, estes em diversos tamanhos, ambos muitas vezes decorados e com as superfícies cuidadas, havendo mesmo exemplares algo mais tardios que, pelo seu perfil e acabamento da superfície com aguada vermelha/alaranjada, parecem seguir a moda romana e em particular a das paredes finas.

Mas, como a área escavada da coroa do povoado teve ocupação intensa ao longo de todo o século I d.C., a maioria dos vasos de paredes finas recolhidos são de origem peninsular. Esta mudança verifica-se a partir do reinado de Cláudio, momento coincidente com a diminuição das demais importações de origem itálica. Realçamos, contudo, que a maior quantidade de vasos de paredes finas nestes contextos está longe de ser proporcional ao volume de crescimento do demais material de proveniência exógena.

A presença das produções bética e emeritense de paredes finas, que acompanhariam a corrente comercial Sul - Norte de muitas outras mercadorias, particularmente representados pelas contidas nas ânforas béticas e lusitanas, é mais um argumento a confirmar o poder aquisitivo das populações que habitavam Mozinho, no terceiro quartel do século I d.C., e a sua integração no império.

Em plena época flávia, os vasos de paredes finas estão apenas residualmente representados, certamente por se verem substituídos pelas produções regionais de cerâmica bracarense e afins, que se vão impor massivamente nas últimas décadas do século I d.C. e primeiras da centúria seguinte.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974), *Escavações no Monte Mozinho 1974*, Penafiel, Centro Cultural Penafidelis.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1977), *Escavações no Monte Mozinho II 1975-1976*, Penafiel, Centro Cultural Penafidelis.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1980), “O templo do Monte Mozinho e o seu conjunto”, *Portvgalia*, nova série, 1, Porto, pp. 51-56.
- CALO LOURIDO, Francisco (1994), *A plástica da cultura castrexa galego-portuguesa*, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa.
- CALO LOURIDO, Francisco (1998), “Peculiaridades plásticas do Monte Mozinho”, *Cadernos do Museu*, 2, Penafiel, pp. 125-186.
- CARVALHO, Teresa Pires de (1993/94), “As marcas de oleiro da sigillata de Mozinho”, *Cadernos de Arqueologia*, 10/11, Braga, pp. 91-112.
- CARVALHO, Teresa Pires de (1998), “A terra sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado)”, *Cadernos do Museu*, 3, Penafiel.
- CARVALHO, Teresa Pires de (2002), “Monte Mozinho: A terra sigillata recuperada no sector B”, *Portvgalia*, nova série, 23, Porto, pp. 117-154.
- CARVALHO, Teresa Pires de (2008), “As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares”, *Oppidum*, número especial, Lousada, pp. 83-113.
- CARVALHO, Teresa Pires de (2008-2009), “Monte Mozinho: uma cerâmica de pasta branca”, *Portvgalia*, nova série, 29/30, Porto, pp. 153-168.
- CARVALHO, Teresa Pires de; PAIVA, Belém Campos (2014), “Cerâmicas de imitação em Monte Mozinho: as cerâmicas ditas bracarenses”, in MORAIS, R. e outros (ed.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*, Porto/Madrid, FLUP/SECAH, pp. 227-246.
- CENTENO, Rui M. S. (1977), “As moedas”, in ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho II 1975-1976*, Penafiel, Centro Cultural Penafidelis, pp. 39-46.
- CENTENO, Rui M. S. (1978), “Quatro *denarii* de Monte Mozinho (Penafiel)”, *Boletim do Ginásio Clube Vilacondense*, 3, Vila do Conde, pp. 55-59.
- CENTENO, Rui M. S. (1987), *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática.
- CENTENO, Rui; MORAIS, Rui; SOEIRO, Teresa (2014), “A propósito da cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira - Portugal)”, in MORAIS, R. e outros - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*, Porto/Madrid, FLUP/SECAH, pp. 291-308.
- LIRA, Sérgio (1984/1985), “Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho”, *Nvmmvs*, 2ª série, 7/8, Porto, pp. 59-75.
- LÓPEZ MULLOR, A. (1974), “Un vaso de paredes finas con decoracion a la barbotina del Museo Monográfico de Ampúrias”, *Miscelanea Arqueológica*, Barcelona, 1, pp. 407-410.
- LÓPEZ MULLOR, A. (1977), “Cronología de unas tazas de paredes finas”, *Ampurias*, XIV Congreso Nacional de Arqueología (Vitoria 1975), Zaragoza, pp. 943-956.
- LÓPEZ MULLOR, Alberto (1990), *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*, 2ª ed., Zaragoza, Libros Pórtico.
- LÓPEZ MULLOR, A. (2013), “Las Cerámicas de Paredes Finas del final de la república Romana y el período Augusteo-Tiberiano”, in RIBERA I LACOMBA, Albert (coord.), *Manual de cerâmica*

*romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*, Madrid, Museu Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, pp. 149-190.

- MACHADO, F. S. de Lacerda (1920), *Uma cidade Morta no Monte Mòsinho ou Castro de Santo Estevão de Oldrões: Estudo de arqueologia*. Coimbra.
- MAYET, Françoise (1975), *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Centre Pierre Paris.
- MINGUEZ MORALES, Jose Antonio (1991), *La ceramica romana de paredes finas: generalidades*, Zaragoza, Universidad de Zaragoza.
- MORAIS, R. (1997-98), “Importações de cerâmicas finas de Bracara Augusta: da fundação à época Flávia”, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, Braga, pp. 47-135.
- MORAIS, R. (2005), “Autarcia e comércio em Bracara Augusta: contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial”, *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*, 2, Braga.
- MORAIS, R. (2010) – “As paredes finas”, in ALARCÃO, Jorge de; CARVALHO, Pedro C.; GONÇALVES, Ana (coord.), *Castelo da Lousa- Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002, Studia Lusitana*, 5, Mérida, Museu Nacional de Arte Romano, pp. 153-172.
- PEREIRA, Isabel (1974), “Achados monetários de Monte Mozinho, Penafiel”, *Conimbriga*, 13, Coimbra, pp. 75-165.
- RICCI, A. (1985), “Ceramica a pareti sottili”, in *Atlante delle Forme Ceramiche*, vol. 2, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, pp. 231-357.
- SOEIRO, Teresa (1981/1982), “Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina”, *Portvgalia*, nova série, 2/3, Porto, pp. 97-120.
- SOEIRO, Teresa (1984), “Monte Mozinho. Aparentamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana”, *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, 1, Penafiel, pp. 5-323.
- SOEIRO, Teresa (1998a), “Monte Mozinho: a escavação do sector D”, *Cadernos do Museu*, 2, Penafiel, pp. 79-114.
- SOEIRO, Teresa (1998b), “O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe – Penafiel”, *Cadernos do Museu*, 4, Penafiel.
- SOEIRO, Teresa (2000-2001), “Monte Mozinho: a recuperação do sector B”, *Portvgalia*, nova série, 21/22, Porto, pp. 103-136.
- SOEIRO, Teresa (2005), *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*, 2ª ed., Penafiel, Museu Municipal de Penafiel.
- SOEIRO, Teresa (2009-10), “Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel)”, *Cadernos do Museu*, 12/13, Penafiel, Museu Municipal, pp. 32-43.
- SOEIRO, Teresa; CALO LOURIDO, Francisco (2014), “Escavações de Monte Mozinho (1974-1998): projecto territorial e lugar de encontro de *Callaecia*”, *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 13, Porto, pp. 143-158.
- SOUZA, Elísio Ferreira de (1954), “Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mòsinho”, *Douro Litoral*, 6 série (5/6), Porto, pp. 136-149.
- SOUZA, J.J. Rigaud de (1966), “Lucernas de Penafiel”, *Revista de Etnografia*, 12, Porto, pp. 313 - 319.
- VEGAS, Mercedes (1973), *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*, Barcelona, Universidad de Barcelona.

**REFERÊNCIAS:**

Sector *a* - M77a QIIA(3); M77a QIV(6) e (9); M77a QXXVI(4); M77a QXXVII(2); M77a QXXVIII(2);  
M78a QI(x)

Sector *c* - M78c QIV(4); M78c QXI(3);

Sector *d* - M76d JM QII(2); M76d QIII(3); M78d QI(1); M78d Int.(2); M83d QX/XV(2); M83d QXII(2);  
M83d QXIII(2); M83d QXIV(1); M83d QXIV(2); M83d QXV(1); M83d QXVIII/XXIII(1); M83d QXX(2)  
e (3); M83d QXXI(2); M83d QXXII(1) e (2)

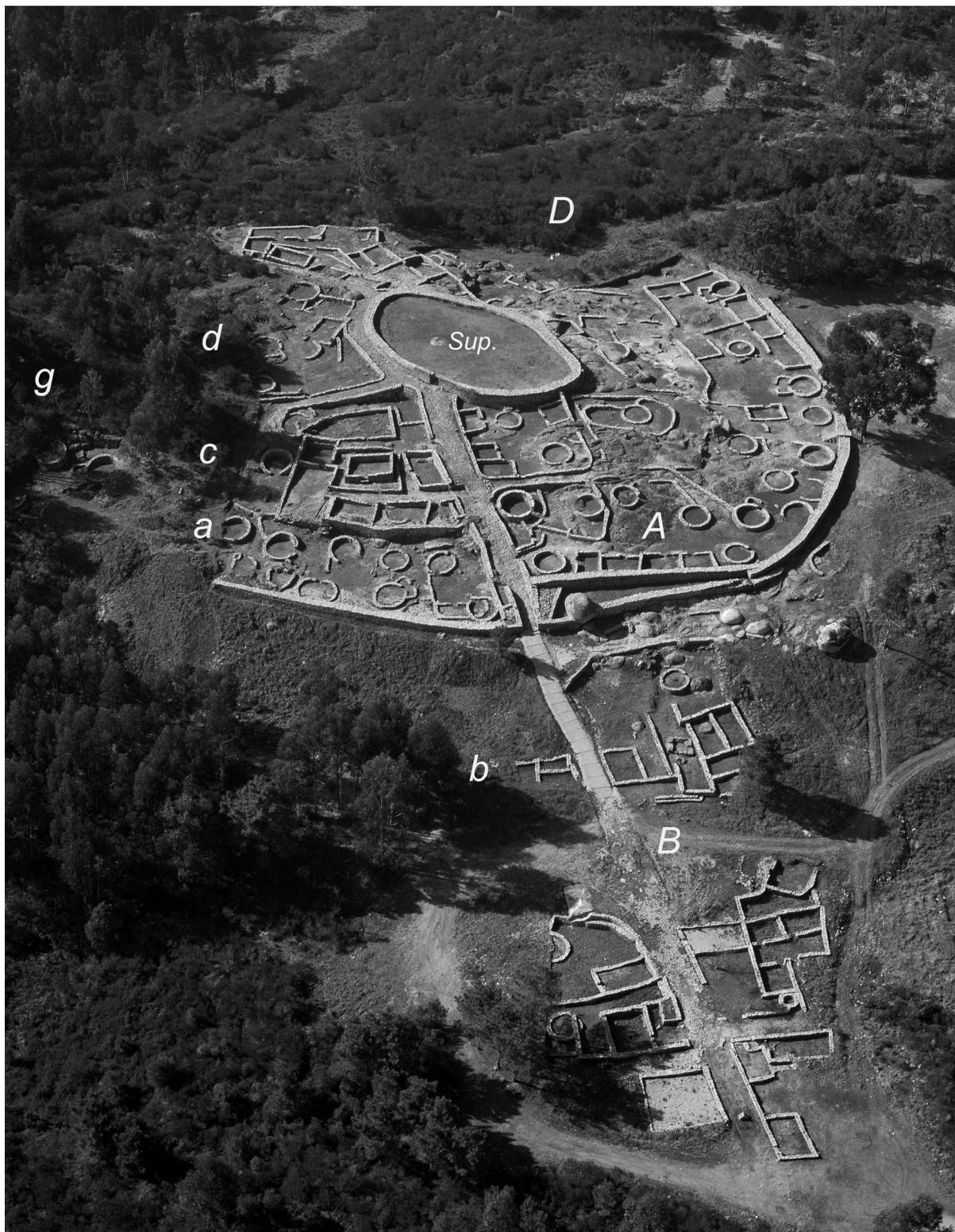
Sector *g* - M82g QXV (5) e (6)

Sector *A* - M76A QIV(2); M76A QXXVII(2); M76A Rua(2); M76A QAv.(1); M75A x

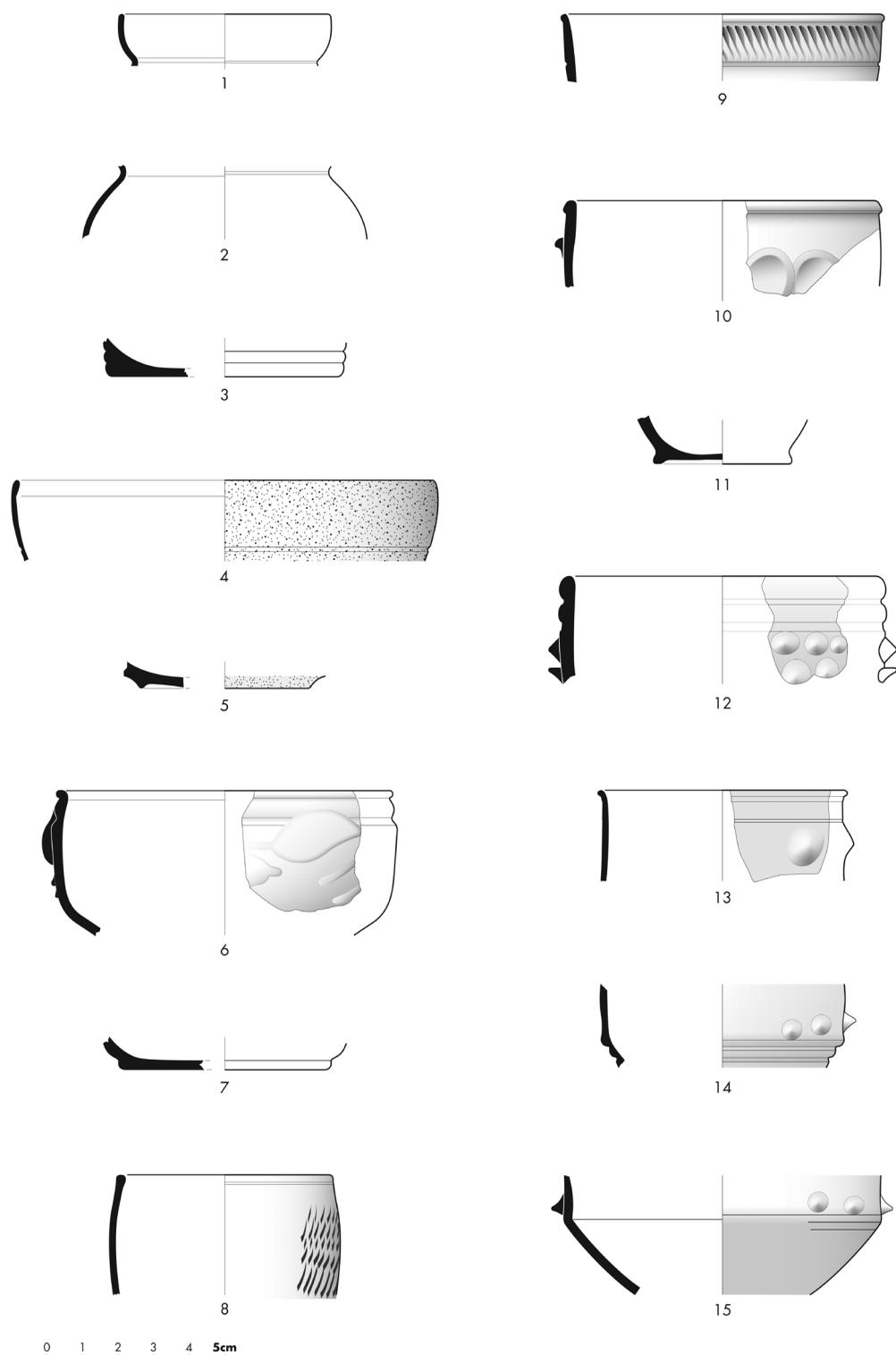
Sector *B* - M95BA QI(3); M97BA QI(1)

Sector *D* - M85D QI(2); M85D QXV(3); M86D Murl(2); M87D QXI/XIX(1) (2) e (3); M87D QXII/XX(1) e  
(2); M87D QXIII/XXI(2); M87D QXIV/XXII(1); M87D QXV/XXIII(2) e (6); M88D QIV (1/2); M88D  
QXII (4); M89D QXV (1)

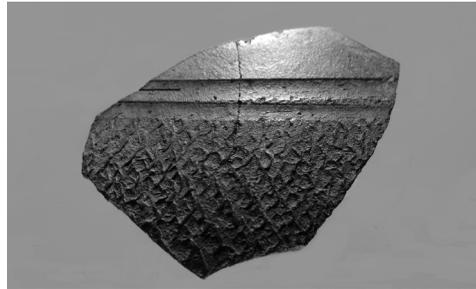
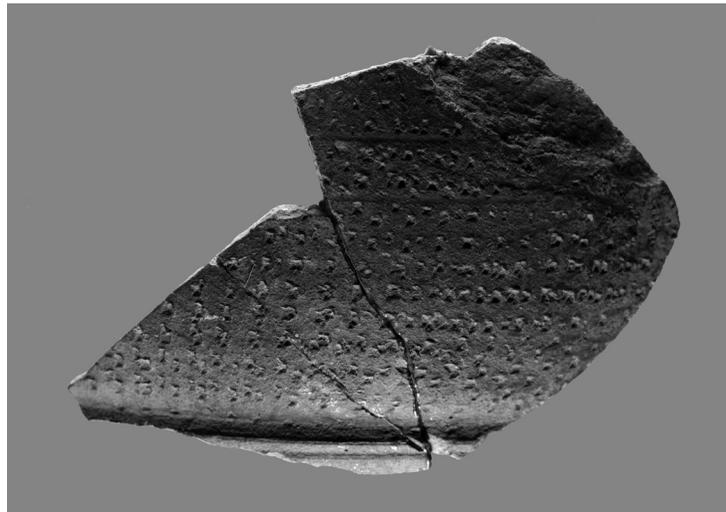
Sector *Superior* - M76Sup. QIII(2); M76Sup. QIV(2);



**Fig. 1:** Castro de Monte Mozinho (1998): planta com identificação dos sectores escavados (Museu Municipal de Penafiel, Fot. Penaguião & Burnay)



**Fig. 2:** Cerâmica de paredes finas: 1 - 3 produção itálica, forma Mayet IIIa; 4-5 produção itálica, forma Mayet XXXIII -XXXV; 6 - 7 produção bética, forma XXXVII-XXXVIII; 8 - 15 produção emeritense, forma XLIII



**Fig. 3:** Monte Mozinho: vasos de paredes finas da forma LXVII com decoração roletada (Museu Municipal de Penafiel, Fot. Museu D. Diogo de Sousa)

